

Letramento midiático e inteligência artificial: caminhos críticos diante da simulação digital e da desinformação

Alfabetización mediática e inteligencia artificial: caminos críticos frente a la simulación digital y la desinformación

Media literacy and artificial intelligence: critical paths in the face of digital simulation and disinformation

ELOISA J C KLEIN¹

Resumo: O artigo analisa o papel do letramento midiático frente aos desafios da simulação digital e da desinformação ampliada pela inteligência artificial. Antes associada a usos pedagógicos e profissionais, a simulação passa a ser explorada na produção de *fake news* e *deepfakes*. Nesse cenário, o letramento midiático é fundamental para desenvolver competências críticas de identificação e questionamento de conteúdos simulados. O texto também discute aprendizagens sociais em plataformas digitais, destacando como produções humorísticas e audiovisuais podem tanto estimular a criticidade quanto banalizar práticas jornalísticas.

Palavras-chave: Letramento midiático; Desinformação; Simulação; Inteligência Artificial; Jornalismo.

Resumen: El artículo analiza el papel de la alfabetización mediática frente a los desafíos de la simulación digital y de la desinformación ampliada por la inteligencia artificial. Anteriormente asociada a usos pedagógicos y profesionales, la simulación pasa a ser explorada en la producción de *fake news* y *deepfakes*. En este contexto, la

¹ Doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). E-mail: eloisaklein@unipampa.edu.br.

alfabetización mediática resulta fundamental para el desarrollo de competencias críticas orientadas a la identificación y el cuestionamiento de contenidos simulados. El texto también examina los procesos de aprendizaje social en plataformas digitales, destacando cómo las producciones humorísticas y audiovisuales pueden tanto fomentar la criticidad como banalizar las prácticas periodísticas.

Palabras clave: Alfabetismo mediático; Desinformación; Simulación; Inteligencia Artificial; Periodismo.

Abstract: The paper examines the role of media literacy in addressing the challenges of digital simulation and disinformation amplified by artificial intelligence. Previously associated with pedagogical and professional uses, simulation has come to be exploited in the production of fake news and deepfakes. In this context, media literacy is essential for developing critical skills aimed at identifying and questioning simulated content. The text also discusses processes of social learning on digital platforms, highlighting how humorous and audiovisual productions can both foster critical thinking and trivialize journalistic practices.

Keywords: Media literacy; Disinformation; Simulation; Artificial Intelligence; Journalism.

Introdução

O avanço acelerado das tecnologias de inteligência artificial (IA) tem resultado na produção de conteúdos midiáticos que simulam o real com fidelidade, criando vídeos, áudios, textos e imagens capazes de engajar amplamente o público. Apesar de, em muitos casos, assumirem caráter humorístico ou satírico, há um risco importante envolvido na sua circulação massiva desses conteúdos: o falseamento do real e a consequente instabilidade da noção de verdade. Britt Paris e Joan Donovan (2019, p. 3, tradução nossa) ressaltam que “a verdade do conteúdo audiovisual nunca foi estável. A verdade é social, política e culturalmente determinada” evidenciando que o conceito de verdade nunca foi absoluto, mas torna-se ainda mais vulnerável diante das novas possibilidades de simulação digital. Nesse cenário, há o risco de que as pessoas passem a interpretar a realidade unicamente a partir de suas convicções prévias, fechando-se em bolhas informacionais e

reduzindo a disposição para ampliar horizontes ou de se abrirem a novas perspectivas trazidas por informações diversas.

Esse contexto confere ao letramento uma importância que vai além do ensino da leitura e da escrita ou mesmo da adesão a práticas midiáticas já presentes em programas educacionais. Embora estas continuem sendo dimensões relevantes, a introdução da IA na produção de conteúdos simulados (incluindo *deepfakes* e peças humorísticas de alta verossimilhança) complexifica ainda mais o campo, tornando mais difícil distinguir o que é realidade do que é artificial. Assim, o letramento passa a ser compreendido como um instrumento essencial para problematizar o real, formando indivíduos capazes de atuar como pesquisadores ativos diante dos materiais midiáticos que lhes chegam, interrogando a veracidade, a autoria, os interesses e as implicações dos conteúdos veiculados.

Diante desse cenário, coloca-se a seguinte questão: como podemos utilizar a experiência do letramento como base para a formação de uma leitura crítica sobre os materiais produzidos por meio da inteligência artificial, sobretudo aqueles que simulam a realidade para fins diversos, inclusive para a criação de *deepfakes*? Refletir sobre essa pergunta significa pensar o letramento como ferramenta de fortalecimento da cidadania e da liberdade, possibilitando que indivíduos se posicionem de maneira crítica frente às narrativas que moldam percepções e decisões na sociedade contemporânea.

Este texto, portanto, tem por objetivo analisar o papel do letramento, em especial o midiático, como instrumento crítico para compreender, problematizar e enfrentar os desafios trazidos pela simulação digital, desinformação e *deepfakes* no contexto da inteligência artificial. Para tanto, fazemos uma revisão teórica que busca um olhar para as questões complexas ligadas à popularização de ferramentas de IA e analisamos dois casos que têm o potencial de proporcionar a conexão da aprendizagem social, alimentada por circuitos sociais, e das esferas acadêmica, jornalística e escolar.

Simulação, desinformação e *deepfakes*

A discussão sobre simulação, seja enquanto técnica ou enquanto mímese, ocupa lugar central nos estudos contemporâneos sobre jornalismo, sobretudo quando se busca compreender a construção e a circulação de conteúdos que se assemelham ao discurso jornalístico sem, no entanto, se vincular às práticas ou aos princípios do campo profissional. Um dos problemas mais recorrentes

nesse cenário é a similitude entre conteúdos simulados e conteúdos jornalísticos autênticos, fenômeno que se intensifica no contexto da produção massiva de informações e da multiplicação de vozes no ambiente digital.

Como técnica, a simulação é amplamente utilizada em diversas áreas do conhecimento e do exercício profissional, seja para reproduzir sistemas, antecipar cenários ou viabilizar experimentações. Na área da administração, por exemplo, é frequentemente aplicada para planejamento e apoio à decisão, permitindo prever resultados possíveis em cenários variados (Vicente, 2005). Já na computação, a simulação realiza experimentos virtuais sobre modelos construídos a partir de sistemas reais, visando compreender lógicas de funcionamento ou prever as consequências de alterações nesses sistemas (Freitas et al., 2019). Contudo, tais modelos nem sempre capturam as dinâmicas imprevisíveis do sistema real, exigindo, como destaca Ingalls (2008), uma mimetização suficientemente fiel para que a simulação seja eficaz.

No campo do jornalismo, o conceito de simulação aparece tanto no ensino quanto na prática profissional. Em âmbito pedagógico, emprega-se a simulação para criar ambientes virtuais que reproduzem as rotinas de uma redação, incluindo prazos de fechamento e fluxos produtivos (Clair, 2015). No ambiente profissional, a simulação manifesta-se na autorreferencialidade do jornalismo, visível na constante exposição dos processos de produção, desde contatos iniciais com fontes até as técnicas de edição e montagem (Klein, 2012). Esses elementos possuem não apenas uma dimensão técnica, mas também um componente didático, pois acionam aprendizagens sociais sobre o funcionamento do campo jornalístico.

Além do espaço acadêmico e profissional, a simulação está presente nos processos de apropriação social da linguagem jornalística. Essa apropriação se manifesta em tutoriais, vídeos, manuais ou textos instrutivos que ensinam técnicas de redação jornalística, fomentando uma familiaridade do público com os modos de dizer do jornalismo (Chaparro, 1996). Esse fenômeno se amplia quando organizações privadas utilizam estratégias de comunicação que reproduzem a estética e a linguagem jornalística para promover interesses particulares, produzindo conteúdos que simulam reportagens, mas que têm objetivos persuasivos (Santos, 2014).

Sob a perspectiva da mimese, a simulação assume o caráter de imitação ou emulação, seja na tentativa de replicar características formais do discurso jornalístico, seja na reprodução de sua performance pública. A simulação, nesse sentido, pode ter o objetivo de parecer natural, imitando estilos, vozes

ou formatos reconhecíveis (Schneider, 2014). Entretanto, quando deslocada do contexto artístico ou acadêmico para o campo jornalístico, a simulação passa a apresentar riscos específicos, pois interfere diretamente no princípio de credibilidade sobre o qual o jornalismo constrói sua legitimidade (Fausto Neto, 2018).

Rocha e Costa (2012) destacam que os meios de comunicação, especialmente a televisão, articulam o real e o irreal, criando representações transgredidas da realidade, aproximando-se, muitas vezes, do conceito de simulacro discutido por pensadores como Baudrillard. Nesse contexto, torna-se cada vez mais difícil distinguir o real da representação, uma vez que a realidade passa a ser permeada por construções estéticas e narrativas que concorrem pela atenção do público (Braga, 2012).

A simulação, no caso do jornalismo, pode ser particularmente problemática quando agentes externos ao campo profissional reproduzem apenas a linguagem jornalística, sem aderir às suas práticas, métodos e princípios éticos. Essa simulação do jornalismo, observada já nos estudos sobre desinformação, cria discursos que possuem a aparência de notícia, mas não seguem as normas do campo, comprometendo a credibilidade e confundindo o público (Tandorc JR.; Lim; Ling, 2017).

O termo desinformação é considerado mais preciso por englobar tanto a produção deliberada de conteúdos falsos ou enganosos quanto sua circulação estratégica para influenciar percepções, comportamentos ou decisões políticas. Segundo Kumar e Shah (2018), a desinformação distingue-se da simples informação equivocada (*misinformation*) por envolver intenção deliberada de enganar ou manipular, muitas vezes com objetivos econômicos, políticos ou ideológicos. Além disso, há uma zona cinzenta entre opinião e falsificação, pois conteúdos baseados em opiniões podem igualmente ser usados para sustentar narrativas falsas, tornando complexa a separação entre verdade e falsidade no ambiente informacional contemporâneo.

O ambiente das redes sociais intensificou ainda mais a disseminação da desinformação, não apenas pela velocidade e amplitude com que os conteúdos circulam, mas também por mecanismos como curtidas, compartilhamentos e algoritmos que conferem aparência de legitimidade ao que se torna popular ou majoritário. Estudos mostram que, mesmo que muitos usuários não reajam diretamente às fake news, há sempre uma parcela que transforma tais conteúdos em ações concretas, como escolhas eleitorais ou mobilizações sociais (Tandorc JR.; Lim; Ling, 2017).

Britt Paris e Joan Donovan (2019) analisam como a simulação audiovisual, frequentemente nomeada como deepfake nos estudos internacionais, desafia a percepção do que é verdadeiro ou real, sobretudo a partir de 2017, quando ferramentas digitais para edição de vídeo e áudio se tornaram mais acessíveis, mesmo antes da massificação dos Large Language Models e das atuais tecnologias generativas. As autoras apontam que a realidade se torna cada vez mais difícil de definir num contexto em que a simulação está em toda parte, tornando nebulosa a fronteira entre o autêntico e o fabricado, o que agrava o problema da confiança nas provas visuais e sonoras.

Os modelos de linguagem de larga escala (LLMs) devem ser compreendidos, segundo Mark Coeckelbergh e David J. Gunkel (2025), não como “cérebros artificiais”, mas como tecnologias comunicativas. Apesar de não possuírem consciência, sensorialidade ou intencionalidade humana, esses sistemas atuam como interlocutores: produzem linguagem coerente, ajustada ao contexto e funcionam socialmente. A efetividade dos LLMs aponta que a comunicação pode depender menos de uma interioridade subjetiva e mais da prática discursiva, da performatividade e da adequação contextual.

LLMs não geram conhecimento objetivo, geram plausibilidade retórica, coerência narrativa e fluidez textual. Ao operar sobre regularidades formais e padrões estatísticos sem compromisso ontológico com o real, esses sistemas revelam de forma radical aquilo que sempre esteve presente na linguagem humana: sua vocação para persuadir, construir mundos simbólicos e gerar efeitos, e não necessariamente para espelhar uma verdade absoluta (Coeckelbergh; Gunkel, 2024).

Essa incerteza abre espaço para consequências importantes na vida cotidiana, porque afeta decisões individuais e coletivas, além de potencializar a vulnerabilidade das pessoas a narrativas que confirmem suas crenças prévias – fenômeno associado ao viés de confirmação (Nickerson, 1998; Lewandowsky et al., 2012). Assim, diante de um ambiente em que se intensifica a circulação de conteúdos audiovisuais simulados em escala e velocidade sem precedentes, o jornalismo e todos os campos ligados à produção e à preservação da informação enfrentam o desafio de desenvolver, na sociedade, competências de letramento crítico capazes de reconhecer, questionar e contextualizar as evidências visuais e sonoras, buscando proteger o espaço público contra manipulações que se vestem da aparência de realidade.

Letramento e enfrentamento dos problemas com desinformação

Bittencourt, Ferreira e Rocha (2015) explicam que o conceito de letramento vai além do simples ato de ler e escrever, pois envolve o uso que o sujeito faz dessas práticas na vida cotidiana, assumindo dimensões sociais e culturais distintas. A partir das ideias de Magda Soares (2006), os autores destacam que o letramento corresponde às diferentes habilidades desenvolvidas pelas pessoas, que podem variar conforme os contextos, os tipos de texto e as exigências de leitura e escrita. Assim, letramento e alfabetização são conceitos interdependentes, mas não equivalentes: enquanto a alfabetização se refere ao domínio do código escrito, o letramento envolve a competência para interpretar, questionar e utilizar criticamente a leitura e a escrita em situações sociais diversas.

Nesse contexto, Bittencourt, Ferreira e Rocha (2015) defendem que o letramento midiático amplia essa perspectiva, uma vez que envolve o domínio crítico das linguagens, formatos e recursos utilizados pela mídia contemporânea. Não basta saber acessar conteúdos digitais ou reconhecer as mídias, é necessário desenvolver a capacidade de analisar criticamente as mensagens veiculadas, os interesses por trás delas e seu impacto social. Para os autores, o letramento midiático exige que tanto professores quanto estudantes consigam transitar por textos multimodais, compreendendo-os de forma reflexiva e consciente, o que se torna fundamental diante da presença marcante da mídia no cotidiano e na formação de valores, opiniões e comportamentos sociais.

Nagumo, Teles e Silva (2022) analisam a desinformação como um problema contemporâneo urgente, sublinhando que a educação tem um papel fundamental para frear a escalada do seu compartilhamento, sobretudo em um cenário digital marcado por polarização e disputas de narrativas. Uma das principais estratégias educativas para enfrentar esse desafio é o letramento midiático, entendido não apenas como um conjunto de técnicas, mas também como uma prática social que precisa ser incorporada ao cotidiano escolar. Eles destacam que a simples alfabetização midiática, voltada para ensinar ferramentas ou métodos de busca para encontrar notícias verdadeiras, é insuficiente para lidar com a complexidade da desinformação. O letramento midiático, em contraste, envolve a compreensão mais ampla de como o jornalismo constrói notícias, como se dá a apuração de fatos e como a sociedade debate e interpreta essas informações, inserindo-as num tecido

social mais amplo em que diversos atores, inclusive científicos, disputam significados.

Os autores também alertam que o trabalho educativo com letramento midiático deve ser realizado com cautela para evitar que críticas à mídia tradicional resultem numa desconfiança generalizada que pode abrir espaço para fontes alternativas propagadoras de teorias conspiratórias ou de informações enganosas. O objetivo do letramento midiático, segundo Nagumo, Teles e Silva (2022), não é simplesmente promover uma crítica pela crítica, mas ajudar estudantes a compreenderem o funcionamento complexo das instituições produtoras de conhecimento factual, como o jornalismo e a ciência, e, assim, fortalecer a capacidade de análise crítica do discurso informativo. Trata-se, portanto, de formar cidadãos capazes de discernir entre informações confiáveis e conteúdos manipulados, entendendo os processos sociais, culturais e institucionais que moldam a produção e a circulação das informações na sociedade contemporânea.

No trabalho apresentado na 11th Budapest Visual Learning Conference, Matthew Crippen (2024) discute como o uso de inteligência artificial na produção de vídeos hiper-realistas tornou a criação de *deepfakes* significativamente mais barata e acessível a qualquer pessoa, intensificando o risco de disseminação desse tipo de conteúdo. Embora as *deepfakes* não sejam um fenômeno recente, Crippen destaca que a IA potencializou sua qualidade e alcance, ampliando os desafios éticos, sociais e educacionais relacionados à desinformação e à manipulação visual, e sublinhando a necessidade de retomarmos práticas tradicionais de análise crítica como estratégia de enfrentamento.

Anthony McCosker (2022) analisa os *deepfakes* como formas de mídia sintética criadas a partir de vastos bancos de dados visuais disponíveis na internet e aprimoradas continuamente por técnicas de *machine learning*. Embora tenham surgido inicialmente associadas a contextos pornográficos, hoje representam riscos amplos, como abuso imagético, desinformação e crise na confiança social, pois desafiam a distinção entre o real e o fabricado. Para McCosker, há três caminhos frequentemente propostos para conter os danos dos *deepfakes*: regulação, controles técnicos e letramento digital ou midiático.

Ao invés de focar apenas em mudanças individuais de comportamento, McCosker enfatiza o potencial das plataformas digitais, como GitHub e YouTube, como espaços de aprendizagem social, onde comunidades compartilham códigos, tutoriais e saberes sobre criação e detecção de

deepfakes, funcionando tanto para a formação técnica quanto para o desenvolvimento de consciência crítica sobre a inteligência artificial e a manipulação de dados visuais.

Aprendizagem social e letramento midiático em vídeos sobre I.A.

A aprendizagem social sobre a mídia é reconhecida como um processo positivo e essencial para a cidadania e a democracia, permitindo que os indivíduos acessem, interpretem e participem criticamente dos conteúdos midiáticos (Bonin; Corrêa, 2015). O conceito trata desta aprendizagem que acontece no cotidiano, que envolve o contato direto com a mídia, a presença de materiais midiáticos em casa, em escolas, em instituições e como isso vai permitindo aos indivíduos partilharem um senso de conhecimento sobre a realidade. Ao conversarem sobre um telejornal ou sobre um acontecimento, as pessoas frequentemente tratam também das técnicas de produção envolvidas no processo de criação dos produtos midiáticos, atingindo um nível de conhecimento mais apurado sobre a mídia (Klein, 2012).

Contudo, essa aprendizagem é permeada por contradições, especialmente no contexto da produção de *fake news*, que utilizam estratégias de simulação jornalística, distorção de vozes e imagens para alterar sentidos originais, como exemplificado em vídeos produzidos por seguidores políticos que, ao invadir hospitais, simulam narrativas jornalísticas tradicionais (Super Interessante, 2018). Esse cenário revela a natureza dinâmica dos processos comunicacionais, os quais se transformam constantemente devido às interações humanas e à evolução das tecnologias digitais, impactando a estética e a significação dos conteúdos midiáticos, de modo a dificultar a delimitação precisa do que se configura como *fake news* (Braga, 2013; Orofino, 2006).

No ambiente das mídias sociais, a circulação de informações é fortemente mediada por algoritmos que priorizam conteúdos alinhados às preferências dos usuários. Os algoritmos, compreendidos como conjuntos de instruções capazes de processar grandes volumes de dados e de prever comportamentos, tornaram-se mediadores centrais da experiência informacional nas plataformas digitais, realizando um *gatekeeping* automatizado que seleciona, ordena e recomenda conteúdos a partir das interações dos usuários. Como explicam Dräger e Müller-Eiselt (2020), esses sistemas filtram informações e estruturam ambientes personalizados que sugerem ao indivíduo uma versão do mundo

moldada por seus próprios rastros digitais. Tecnicamente, esse processo envolve a coleta contínua de sinais comportamentais (cliques, tempo de visualização, curtidas, compartilhamentos, padrões de navegação e até pausas no *scroll*) que alimentam modelos preditivos capazes de antecipar preferências e de ajustar o fluxo de conteúdo para maximizar a atenção e o engajamento. Ao priorizar o que cada usuário provavelmente deseja ver, tais sistemas reforçam predisposições e diminuem o contato com perspectivas divergentes, produzindo ecossistemas informacionais fechados e altamente personalizados.

Essa lógica acaba favorecendo a rápida disseminação de conteúdos mesmo sem correspondência à realidade factual, fenômeno denominado “cascatas de *fake news*” (Recuero; Gruzd, 2010). Além disso, a produção desses conteúdos nem sempre é espontânea, ela pode ser fruto de ações estratégicas que simulam a linguagem e o comportamento do usuário comum para manipular opiniões e falsear a realidade (Tandorc Jr; Lim; Ling, 2017). Diante desse quadro, o letramento midiático assume papel crucial ao capacitar os cidadãos a compreenderem as complexas relações entre discursos, emoções, contextos políticos e estratégias comunicativas, promovendo uma leitura crítica que contribua para a contenção da disseminação da desinformação e que fortaleça a mediação informacional socialmente responsável.

Reflexão sobre proposta de letramento midiático

Nesta análise, pretendemos discutir como o conteúdo relacionado ao letramento midiático pode ser utilizado para compreender as múltiplas camadas envolvidas na construção das *deepfakes*, especialmente aquelas que implicam alterações substanciais em vídeos e imagens. Também vamos discutir um caso em que a utilização de I.A. permite a simulação completa de uma realidade hipotética, mas que se baseia nas condições de operação do jornalismo.

Utilizamos a análise de conteúdo quali-quantitativa. Bardin (2001) descreve o método como composto por três etapas centrais: a fase de pré-análise, voltada à organização do corpus; a fase de exploração, que envolve procedimentos de codificação e agrupamento em categorias; e, por fim, o momento dedicado ao tratamento dos achados, no qual se produzem inferências e interpretações. No campo educacional de orientação qualitativa no Brasil, Dalla Valle e Ferreira (2025) ressaltam que, embora a técnica esteja presente em uma ampla variedade de investigações, é fundamental

reconhecer seu caráter híbrido: ela articula a contagem de unidades codificadas com o trabalho interpretativo que atribui sentido a essas unidades dentro de seus contextos sociais e comunicativos. Essa natureza dupla torna o método especialmente adequado para pesquisas em mídia, nas quais dimensões verbais, visuais e simbólicas aparecem de forma imbricada.

O vídeo em questão, publicado pelo perfil Uille Dicas, faz um alerta relevante sobre o perigo real de uma pessoa receber uma mensagem por meio de uma chamada de vídeo aparentemente enviada por um familiar, quando, na verdade, trata-se de uma imagem manipulada por inteligência artificial. Essa manipulação consiste na simulação da aparência e dos movimentos da pessoa a partir de uma única fotografia de origem. Esse cenário evidencia a complexidade dos desafios que as tecnologias digitais colocam para o reconhecimento e a verificação da autenticidade das informações visuais, reforçando a importância do letramento midiático para que os usuários possam identificar e compreender tais manipulações no ambiente digital contemporâneo.

Imagem 1: Fotografia de tela do perfil Uille Dicas



Fonte: Instagram

O perfil Uille Dicas no Instagram, que conta com 931 seguidores, é focado em compartilhar dicas práticas para o cotidiano, como reaproveitamento de objetos (meias, garrafas PET), truques caseiros para facilitar tarefas diárias (exemplo: regar plantas quando se está ausente), entre outras orientações úteis. O tom é simples e acessível, voltado para o público que busca soluções rápidas e criativas para o dia a dia.

Neste vídeo específico, Uille Dicas aborda um tema relacionado à segurança digital, mais precisamente ao risco das *deepfakes* – vídeos manipulados com inteligência artificial que simulam a aparência e a voz de uma pessoa real. Ele alerta seus seguidores sobre a possibilidade de qualquer pessoa se passar por outra em uma chamada de vídeo, bastando ter uma fotografia da pessoa-alvo. No vídeo, ele mostra um exemplo visual: um homem que, usando a imagem de uma mulher, se faz passar por ela em uma chamada. O recado do vídeo é claro e direto, com a mensagem de “Utilidade pública” para chamar atenção.

Mensagem principal: alerta para o perigo das *deepfakes* em chamadas de vídeo; qualquer pessoa pode se passar por outra, desde que possua uma foto da vítima; é importante que os seguidores estejam atentos e alertem seus familiares sobre esse risco; finaliza com uma chamada para ação simples: “Gostou da dica? Segue e compartilha.”

O vídeo tem um caráter de alerta, mas não apresenta orientações práticas ou estratégias claras de proteção contra o problema que aborda. A discussão se concentra no potencial de falsificação e no perigo social, sem aprofundar em medidas concretas para prevenção. Nos comentários, os seguidores complementam com sugestões, como criar senhas ou códigos secretos para confirmar a identidade em situações de risco, recomendando a troca frequente desses códigos – uma solução prática emergente do engajamento do público, não do vídeo em si.

O vídeo exemplifica como a aprendizagem social sobre mídia e segurança digital se dá em espaços informais, onde o criador apresenta um alerta e a comunidade interage para preencher lacunas, gerando um diálogo coletivo. O material revela a importância do letramento midiático, pois o simples alerta sobre a existência das *deepfakes* pode aumentar a consciência, porém o conhecimento e a prática de estratégias eficazes para se proteger precisam ser desenvolvidos socialmente. O vídeo mostra também como conteúdos simples e populares nas redes sociais podem funcionar como pontos de entrada para discussões mais profundas sobre desinformação e segurança digital.

Assim, esse tipo de material se mostra produtivo para começar discussões que depois podem evoluir para uma discussão mais ampla sobre letramento midiático e como enfrentar aspectos de utilização de tecnologias de Inteligência Artificial para a operação de *deepfakes*, com adulteração de imagem e áudio.

O problema da simulação do real pode ser bem observado no caso das operações de simulação da imagem do repórter de TV, que se enquadra em situações inusitadas, como matérias de rua em que mostra buracos, matéria de cotidiano em que encaixa um personagem para tratar de idosos que ainda são ativos ou inaugurações de obras que não perduram por muito tempo. Um complicador é que os vídeos são postados por perfis variados, sendo difícil rastrear o proprietário do perfil que posta os conteúdos.

Para fins de análise, selecionamos um recorte de sete vídeos dentro de uma amostra de cem, os quais apresentam a simulação de repórteres de TV entrevistando pessoas a partir de conteúdos produzidos por modelo de Inteligência Artificial Generativa. Selecionamos vídeos feitos com o modelo Veo-3 que circularam entre junho e setembro de 2025 por meio de um perfil de Instagram usado para favorecer o recebimento de vídeos com essas características.

De acordo com Melnik et al (2024), nos últimos anos, os modelos de difusão tornaram-se a abordagem dominante para a geração de vídeo a partir de descrições (*text-to-video*), graças à sua capacidade de produzir conteúdos visuais coerentes e de alta qualidade, com consistência temporal e fluidez de movimento. Esses modelos são treinados em grandes corpora de vídeos, imagens e pares texto-vídeo, de forma a aprender padrões de movimento, iluminação, transições de cena e coesão espacial/temporal. A geração final é realizada a partir de ruído visual, reduzido progressivamente até emergir uma sequência de quadros que corresponde à descrição textual dada, mantendo continuidade entre *frames* e realismo visual.

O uso da Inteligência Artificial generativa também cria novas barreiras de acesso e produz distorções no acesso dos usuários. Oficialmente, o Veo 3 foi disponibilizado via Vertex AI (serviço da Google para clientes ou parceiros) em meados de 2025: “Veo 3 is now available for all Google Cloud customers and partners in public preview on Vertex AI” (Google Cloud, 2025). Além disso, o modelo aparece como funcionalidade no aplicativo Gemini – com liberação de uso gratuito temporário através desta plataforma, permitindo que usuários fizessem vídeos sem custos por certos períodos de tempo. Essas janelas de

abertura do modelo de IA é o que proporciona a popularização da produção do conteúdo.

Imagem 2: Fotografia de tela de postagens de vídeos feitos com VEO3



Fonte: Instagram

Neste caso, observamos que pessoas comuns utilizam ferramentas de inteligência artificial para produzir vídeos com um tom humorístico que simulam situações jornalísticas. Esses vídeos retratam repórteres de televisão gravando matérias nas ruas das cidades, em especial sobre problemas como buracos nas vias públicas, quando, de forma fictícia, pedestres ou ciclistas caem em crateras abertas. O tom predominante é lúdico e inusitado, evidenciado pelas falas finais dos vídeos que violam claramente os preceitos do código de ética jornalística, como expressões que zombam do ocorrido – “a velha caiu” ou “a velha morreu” –, em situações que envolvem pessoas idosas, o que reforça o caráter ficcional dessas produções.

Propomos, desse modo, um olhar mais detalhado para sete dos vídeos, um subconjunto que trata de ações editorialmente tratadas como jornalismo de serviço:

1) Na rua de casas coloridas e paralelepípedos, o repórter se refere às mulheres idosas como “as velhinhas” e assiste à queda de uma delas sem qualquer mediação, reforçando humor e etarismo.

2) No condomínio popular, a repórter caminha enquanto narra o problema do buraco, e o idoso mergulha propositalmente na água suja, reforçando a ideia de que idosos agem de maneira “besta”, enquanto a repórter permanece impotente ou indiferente.

3) No bairro residencial, a repórter descreve a rua como “um chiqueiro” e reage à queda da idosa dizendo que “a velha se ferrou”, explicitando o desprezo e o uso de gíria inadequada ao contexto jornalístico.

4) No bairro popular alagado, uma idosa defende o prefeito enquanto outro personagem cai de bicicleta no buraco; a repórter permite a fala da moradora sem crítica, reproduzindo a sátira à política local e ao jornalismo de rua.

5) Diante de um grupo de moradores, a repórter apresenta a “Olimpíada dos buracos”, novamente com idosos se atirando na água, incorporando protesto e absurdo sem qualquer análise.

6) No bairro popular, um caminhão descarrega mulheres idosas diretamente dentro de um buraco como “solução criativa”, e a repórter descreve a cena sem reação crítica, reforçando o caráter desumanizante.

(7) Na rua esburacada onde uma idosa com andador acaba caindo, o repórter xinga (“Putá que pariu!”) e também cai no buraco, encerrando o vídeo com a

idiotização tanto do idoso quanto do repórter, mas mantendo o padrão de humor baseado na vulnerabilidade dos moradores.

Nesses materiais, há uma apropriação superficial desse formato cujo objetivo tradicional seria informar a população sobre riscos, reivindicações ou necessidades práticas. Entretanto, o que se evidencia é uma abordagem caricatural, marcada por uma estetização exagerada dos repórteres e pela banalização das situações vividas pelos personagens, sobretudo idosos, que são retratados como ingênuos ou pouco inteligentes e colocados em situações grotescas, como quedas em buracos alagados.

A estética dos repórteres se repete: jovens, fisicamente atraentes, bem vestidos, maquiados e apresentando um comportamento exageradamente neutro ou infantilizado diante das situações retratadas. Há um contraste entre a aparência “idealizada” dos profissionais e a caracterização dos moradores (quase sempre pessoas idosas, pardas, de roupas simples, corpos marcados pela idade e inseridas em cenários de precariedade urbana). Isso reforça uma lógica de distanciamento social. As quedas encenadas, o uso de termos ofensivos ou jocosos (“as velhinhas”, “a velha se ferrou”), as expressões chulas e o tom de irreverência reforçam esse abismo simbólico entre repórteres e personagens, convertendo o sofrimento ou a vulnerabilidade em elemento humorístico.

Essa abordagem humorística leva o público a reconhecer que tais vídeos não são reportagens reais, mas sim uma paródia do jornalismo. No entanto, esse tipo de material suscita uma reflexão importante acerca da banalização do enquadramento do real, especialmente no que se refere à representação da atividade jornalística. Ao tratar o jornalismo como algo trivial, inusitado e até mesmo cômico, tais conteúdos podem contribuir para a desvalorização da prática jornalística séria e, conseqüentemente, para o enfraquecimento da percepção da realidade e da factualidade por parte do público. Em outras palavras, essa lúdica simulação pode agravar os desafios já existentes no campo da interpretação crítica dos fatos, prejudicando a distinção entre informação legítima e representação ficcional.

Embora os perfis que criam conteúdos simulando o jornalismo sejam, em sua essência, manifestações críticas e humorísticas, eles revelam um conhecimento profundo sobre as práticas jornalísticas, sua estética, o modo de apresentação dos repórteres, a localização nas ruas e a construção dos links e videotapes jornalísticos. Essa apropriação reflete um processo de aprendizagem social que evidencia o funcionamento do jornalismo tradicional,

suas rotinas e estratégias comunicativas. Ao mesmo tempo, essa dinâmica ressalta a necessidade premente do letramento midiático para que se compreenda por que o jornalismo adota essas práticas, buscando não apenas reportar ou denunciar fatos, mas também contextualizar as informações em uma abordagem significativa e qualificada, ainda que permeada por falhas ou repetições que podem parecer exageradas ou imperfeitas.

Mesmo diante dessas limitações, a instituição jornalística mantém sua relevância social ao buscar a verdade com certo distanciamento crítico, desempenhando papel fundamental na construção das percepções sociais da realidade. Portanto, o letramento midiático deve incorporar essa discussão, evidenciando os riscos que emergem quando a simulação atinge níveis elevados de perfeição visual e de reprodução do estilo jornalístico, o que pode potencialmente ser explorado para fins maliciosos, ultrapassando o campo do humor e da crítica construtiva, e contribuindo para a disseminação de conteúdos enganosos.

O fenômeno da desinformação contemporânea é compreendido como um desafio complexo que envolve a circulação de informações falsas ou distorcidas, muitas vezes impulsionadas por dinâmicas sociais, políticas e tecnológicas. A desinformação não se limita apenas ao conteúdo incorreto, mas também à manipulação intencional de sentidos e contextos, com impactos significativos na percepção pública e na confiança em instituições como a ciência e o jornalismo.

Nesse cenário, o conceito de letramento se destaca como fundamental para capacitar indivíduos a compreenderem e a utilizarem a linguagem escrita em práticas sociais críticas, ultrapassando a mera alfabetização formal. O letramento midiático, em especial, amplia essa perspectiva ao incorporar a capacidade de acessar, analisar e avaliar criticamente os conteúdos midiáticos em seus múltiplos formatos, incluindo a compreensão dos processos jornalísticos e das instituições que validam o conhecimento.

A aprendizagem social, por sua vez, desempenha um papel crucial na formação desses letramentos, evidenciando que o entendimento da mídia e das informações é um processo dinâmico, situado e interativo. Essa aprendizagem ocorre tanto em espaços formais, como a escola, quanto em ambientes informais e digitais, onde as interações sociais e as práticas comunicativas moldam continuamente as habilidades e as estratégias dos usuários para lidar com conteúdos, verdadeiros ou falsos.

Portanto, os estudos convergem para a necessidade de uma abordagem educacional que promova o letramento midiático enquanto ferramenta crítica, capaz de reduzir a disseminação da desinformação, de fortalecer a confiança nas fontes confiáveis e de estimular o diálogo reflexivo na sociedade. Essa abordagem deve reconhecer a complexidade das práticas sociais midiáticas contemporâneas, evitando simplificações que possam levar à desconfiança generalizada, e promover uma compreensão aprofundada das instituições, dos processos e dos contextos envolvidos na produção e circulação da informação.

O vídeo do perfil Uille Dicas alerta para o perigo das *deepfakes* em chamadas de vídeo cuja imagem manipulada por inteligência artificial simula a aparência e os movimentos de uma pessoa a partir de uma foto. Embora o vídeo chame atenção para o risco, não oferece estratégias claras de proteção, gerando um diálogo coletivo nos comentários. Este caso ilustra a importância do letramento midiático como instrumento para a conscientização e compreensão crítica das manipulações digitais, ressaltando que a simples exposição do perigo não é suficiente para garantir a proteção dos usuários. Conteúdos populares como esse funcionam como pontos de partida para debates mais profundos sobre desinformação e segurança digital, evidenciando que a aprendizagem social ocorre também em espaços informais de interação digital.

Já os vídeos humorísticos que simulam o jornalismo usam inteligência artificial para criar paródias que reproduzem a estética e as práticas jornalísticas, mas com cenas inusitadas e falas que violam a ética profissional. A reprodução detalhada das práticas jornalísticas por esses criadores indica um processo de aprendizagem social que revela um conhecimento apurado do campo e destaca a necessidade de um letramento midiático que permita compreender os motivos e as limitações do jornalismo, bem como os riscos associados à simulação visual sofisticada, que pode ser usada para fins maliciosos. Assim, o letramento midiático não apenas facilita o reconhecimento crítico desses conteúdos, mas também contribui para a manutenção do papel social do jornalismo na construção do entendimento da realidade.

Considerações finais

Concluimos que a literatura revisitada e os materiais analisados demonstram de forma inequívoca que há uma demanda crescente por métodos mais sofisticados e abrangentes de construção do letramento midiático, capazes de acompanhar as transformações profundas que caracterizam a sociedade

contemporânea. O avanço das tecnologias de inteligência artificial, sobretudo na produção de simulações cada vez mais verossímeis da realidade, impõe novos desafios tanto para o campo da comunicação quanto para o educacional. Já não basta discutir apenas aspectos técnicos do fazer jornalístico, como a elaboração de títulos ou as etapas de condução de entrevistas; é imprescindível avançar para reflexões mais profundas que abarquem os modos como construímos nossas percepções sobre a sociedade, sobre o real, a factualidade, a história e a própria noção de verdade.

A crescente sofisticação dos conteúdos produzidos por inteligência artificial sugere que ferramentas igualmente avançadas serão fundamentais para identificar, rastrear e analisar mensagens sintéticas, especialmente no âmbito de instituições jurídicas, políticas e regulatórias. No entanto, ainda que imprescindíveis, tais instrumentos não esgotam as necessidades formativas de uma sociedade democrática. Como discutido ao longo deste trabalho, a realidade social sempre foi mediada pela linguagem e pelas práticas comunicacionais, e a capacidade de interpretar criticamente essas mediações constitui elemento central da cidadania.

Assim, apostar exclusivamente em soluções técnicas para detectar conteúdos fabricados é insuficiente em um cenário em que a própria ideia de verdade se torna objeto de disputa entre agentes políticos, grandes empresas de tecnologia e grupos organizados que instrumentalizam a desinformação para moldar percepções públicas. A deslegitimação das instituições jornalísticas (visível, por exemplo, na banalização da atividade profissional de repórteres) agrava esse quadro, pois fragiliza referências coletivas de verificação e responsabilidade informacional justamente quando a fronteira entre fato e simulação se torna mais permeável.

Os exemplos analisados, como os vídeos de perfis voltados ao humor ou ao alerta digital, mostram que mesmo conteúdos aparentemente simples ou lúdicos podem gerar confusão entre ficção e realidade, sobretudo quando há elevada qualidade estética e simulação fiel dos formatos jornalísticos. Isso evidencia a importância de desenvolver um letramento midiático que vá além do domínio técnico e instrumental para englobar também uma leitura crítica das intenções comunicativas, das condições de produção, circulação e apropriação dos conteúdos midiáticos. Nesse sentido, as práticas de simulação, que antes se restringiam a fins pedagógicos ou artísticos, tornaram-se ferramentas potencialmente perigosas quando utilizadas de forma maliciosa para fabricar narrativas enganosas ou manipular percepções sociais.

Portanto, se desejamos formar cidadãos mais preparados para compreender e debater os fenômenos que envolvem o uso da inteligência artificial na simulação da realidade, é urgente integrarmos essas novas demandas aos ambientes institucionais, acadêmicos e escolares. O letramento midiático contemporâneo deve incluir a reflexão crítica sobre os limites entre realidade e representação, sobre os riscos do simulacro e sobre o papel social do jornalismo como instituição fundamental na mediação da verdade e na construção coletiva do sentido. Essas ações nos proporcionam colaborar para uma sociedade mais consciente, menos vulnerável à desinformação e capaz de participar ativamente do debate público em tempos de intensa transformação tecnológica e comunicacional.

Bibliografia

BITTENCOURT, Ricardo Luiz; FERREIRA, Diuliane Aparecida; ROCHA, Andresa Marcos Machado. Letramento midiático: um olhar além da sala de aula. **Revista Linguagem, Ensino e Educação-Lendu**, v. 4, n. 1, 2015.

BARDIN, Laurence. Bardin, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 2001.

BONIN, R.; CORRÊA, M. P. Aprendizagem social e mídia: cidadania e democracia. **Revista Comunicação & Sociedade**, 2015.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versos campos sociais. In: MATOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda Aparecida (Org.). **Mediação e Midiatização: Livro Compós 2012**. Salvador/Brasília: UFBA/COMPÓS, 2012.

CLAIR, Jeanti St. Doing it for Real: Designing Experiential Journalism Curricula that Prepare Students for the New and Uncertain World of Journalism Work. **Coolabah**, No.16, 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/132358399.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2025.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Jornalismo na fonte. In: DINES, Alberto; MAURIN, Mauro (org.). **Jornalismo brasileiro: No caminho das transformações**. Brasília: Banco do Brasil, 1996. p. 132-154.

COECKELBERGH, Mark; GUNKEL, David J. **Communicative AI: A critical introduction to large Language models**. John Wiley & Sons, 2025.

CRIPPEN, Matthew. Deepfakes, AI and Media Literacy: A Need for Old Ways of Critical Engagement. In: NYÍRI, Kristóf (ed.). **Visual Learning: Envisioning an Electrifying Future**. Budapest: Hungarian Academy of Sciences, 2024, p. 71–74.

DRÄGER, Jörg; MÜLLER-EISELT, Ralph. **We Humans and the Intelligent Machines: How algorithms shape our lives and how we can make good use of them**. Verlag Bertelsmann Stiftung, 2020.

VALLE, Paulo Roberto Dalla; FERREIRA, Jacques de Lima. Análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: contribuições e limitações para a pesquisa qualitativa em educação. **Educação em Revista**, v. 41, p. e49377, 2025.

FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma analítica da midiatização. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, abr. 2008.

_____. Investir na apuração para enfrentar as fake news é como remendar um cano furado. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, v. , n. 520, p. 33-40, abr. 2018. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/520>. Acesso em: 23 set. 2018.

FREITAS, Jéssica Viana de et al. Análise de layout com auxílio da simulação computacional aplicado em uma confecção. **Revista Mundi Engenharia, Tecnologia e Gestão**, Paranaguá, PR, v. 4, n. 4, out. 2019. Disponível

em:

https://www.researchgate.net/publication/337806331_ANALISE_DE_LAYOUT_COM_AUXILIO_DA_SIMULACAO_COMPUTACIONAL_APLICADO_EM_UMA_CONFECCAO. Acesso em: 30 jun. 2025.

INGALLS, Ricki G. Introduction to simulation. **Proceedings of the 2008 Winter Simulation Conference**.

Disponível em: <https://www.informs-sim.org/wsc08papers/005.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2025.

KLEIN, Eloisa Joseane da Cunha. **Circuitos comunicacionais ativados pela autorreferência didática no jornalismo: o caso do Profissão Repórter**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

KUMAR, Srijan; SHAH, Neil. **False Information on Web and Social Media: A Survey**. Vol. 1, No. 1. Publication date: April 2018.

LEWANDOWSKY, Stephan et al. Misinformation and its correction: Continued influence and successful debiasing. **Psychological Science in the Public Interest**, v. 13, n. 3, p. 106–131, 2012.

MELNIK, Andrew et al. Video diffusion models: A survey. **ArXiv**. 2024. Disponível em:

<https://arxiv.org/abs/2405.03150>. Acesso em: nov. 2025.

NAGUMO, Estevon; TELES, Lúcio França; SILVA, Lucélia de Almeida. Educação e desinformação: letramento midiático, ciência e diálogo. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 24, n. 1, p. 191-210, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8670237>. Acesso em: 29 jun. 2025.

NICKERSON, Raymond S. Confirmation bias: A ubiquitous phenomenon in many guises. **Review of General Psychology**, v. 2, n. 2, p. 175–220, 1998.

OROFINO, J. Técnicas narrativas e evolução dos estilos textuais na comunicação. In: **Comunicação e cultura contemporânea**, 2006.

PARIS, Britt; DONOVAN, Joan. Deepfakes and Cheap Fakes: The Manipulation of Audio and Visual Evidence. **Data & Society Research Institute**, 2019. Disponível em: https://datasociety.net/wp-content/uploads/2019/09/DS_Deepfakes_Cheap_Fakes.pdf. Acesso em: 29 jun. 2025.

RECUERO, R.; GRUZD, A. Cascatas de fake news: a circulação algorítmica da desinformação. **Revista Mídia e Cotidiano**, 2020.

ROCHA, Marcelo da Silva da; COSTA, Luciano. Simulação e simulacro: a realidade do Big Brother Brasil.

Cadernos de Comunicação, v.16, n.1, jan./jun. 2012. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/download/5832/4329>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SANTOS, Ébida Rosa dos. **A apropriação do jornalismo na propaganda eleitoral de rádio: a campanha presidencial de 2014**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SCHNEIDER, Sabrina. A mimesis como ficcionalização do real no romance reportagem. **Maxwell**. PUC Rio,

2014. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=20014@1>.

Acesso em: 30 jun. 2025.

SUPER INTERESSANTE. **Distorção de vozes e imagens em fake news**. São Paulo: Abril, 2018.

TANDORC JR, Edson C.; LIM, Zheng Wei; LING, Richard. Defining “fake news”. A typology of scholarly

definitions. **Digital Journalism**. Londres, Reino Unido: Routledge, Taylor & Francis Group, 2017. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/319383049_Defining_Fake_News_A_typology_of_scholarly_definitions.

Acesso em: agosto de 2025.

VALENTE, Jonas. Especialista diz que não há “solução mágica” para combater fake news. **Agência Brasil**.

Publicado em 24 jul. 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-07/especialista-diz-que-nao-ha-solucao-magica-para-combater-fake-news>.

Acesso em agosto de 2025.

VICENTE, Paulo. O uso de simulação como metodologia de pesquisa em ciências sociais. **Cadernos**

EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, mar. 2005. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512005000100008. Acesso em: 30 jun. 2025.

Link do vídeo utilizado na análise:

<https://www.instagram.com/reel/DH8GW5NOaCk/?igsh=ZThlaWVubHE3Mm1k>

Recebido em: 02/10/2025

Aceito em: 08/05/2026